

ESTRATÉGIAS RETÓRICAS PARA EFICÁCIA DO DISCURSO DELIBERATIVO NAS ÁGORAS DIGITAIS

Luisiana Ferreira Moura³¹
Doutoranda em Língua Portuguesa pela PUC-SP

Ricardo Domingos Pinto e Silva³²
Metrando em Língua Portuguesa pela PUC-SP

RESUMO

Este artigo analisa a entrevista de Pablo Marçal ao programa Roda Viva, da TV Cultura (set. 2024), como um discurso do gênero deliberativo no cenário midiático contemporâneo. Argumenta-se que a eficácia persuasiva do orador não reside na demonstração de um *logos* técnico tradicional apoiado em um plano de governo, mas na articulação do *ethos* e do *logos*, impulsionado pelo *pathos*. Para isso, o orador utiliza a disposição cênica do programa e a construção do *ethos*, a fim de movimentar valores morais com o objetivo de converter a plausibilidade em adesão prática. A análise demonstra que o *pathos* não se opõe à razão; ele é a sua realização sensível e a condição de eficácia para a deliberação.

Palavras-chave: Retórica. Gênero Deliberativo. Provas Retóricas. Mídias Digitais. Pablo Marçal.

ABSTRACT

This article analyzes Pablo Marçal's interview on TV Cultura's *Roda Viva* program (sept. 2024) as a discourse of the deliberative genre within the contemporary media landscape. It argues that the speaker's persuasive effectiveness does not lie in the demonstration of a traditional technical *logos* supported by a government plan, but in the articulation of *ethos* and *logos* driven by *pathos*. To this end, the speaker employs the program's scenic arrangement and the construction of *ethos* to mobilize moral values with the aim of converting plausibility into practical adherence. The analysis demonstrates that *pathos* is not opposed to reason; it is its sensible realization and the condition for deliberation's effectiveness.

Keywords: Rhetoric. Deliberative Genre. Rhetorical Proofs. Pablo Marçal.

Considerações iniciais

A metáfora “quanto mais vazia a carroça, maior o barulho” pode ser associada com certa facilidade a discursos políticos. Frequentemente, a ausência de um *logos*

³¹ Endereço eletrônico: moura.lusiana@gmail.com

³² Endereço eletrônico: ricardodomingospintoesilva@gmail.com

técnico, materializado em planos e políticas de governo consistentes, faz com que oradores da esfera política optem pelo barulho excessivo ancorado no *pathos*. Esse fenômeno não é casual e responde a um contexto em que o discurso político contemporâneo é moldado por novas plataformas e novos formatos de interação digital.

A forma como os princípios sistematizados pela Retórica Clássica, persuadir sobre o que convém fazer, com vistas ao futuro e ao bem comum (Aristóteles, 2005), são modificados pela cena midiática, que amplia o alcance da deliberação e simultaneamente a condensa em performances breves, orientadas por valores compartilhados. Nessa dinâmica, a adesão não se produz por demonstração necessária, mas por razoabilidade sentida. É nesse ponto que a Retórica oferece o quadro conceitual mais adequado: a persuasão opera no domínio do verossímil, por meio da mobilização de recursos e estratégias capazes de mobilizar e movimentar os valores do auditório.

A participação de Pablo Marçal, no programa Roda Viva da TV Cultura, em 2 set. 2024, durante a campanha pela prefeitura da cidade de São Paulo, embora estruturada no formato de entrevista, é a apresentação de um discurso do gênero deliberativo, que opera como aconselhamento público, pois propõe cursos de ação e solicita consentimento prático, representado pelo voto, sob critérios de utilidade, nocividade e justiça. Para isso, são articulados raciocínios de plausibilidade e movimentos afetivos que tornam esses critérios operantes ao converter o *pathos* em propulsor para a deliberação, por potencializar a aplicabilidade do *logos* e alicerçar a construção de um *ethos* de credibilidade.

Para sustentar essa tese, este artigo adota uma análise retórica em três movimentos. O primeiro examina a disposição cênica, observando como o formato de arena do *Roda Viva* é explorado pelo orador como catalisador de emoções e elemento gerador de *pathos*. O segundo analisa a **fundamentação do *ethos***, demonstrando que a imagem previamente construída de autenticidade, virtude e competência funciona como âncora de credibilidade para a argumentação. O terceiro examina os tipos de argumentos **selecionados pelo orador** e exemplifica de que modo o *pathos* atua como propulsor do *logos* verossímil, convertendo emoções em critério de verdade e motor da decisão.

O gênero deliberativo no cenário contemporâneo

O gênero deliberativo distingue-se por ter o futuro como objeto e o

aconselhamento como finalidade. O foco é apresentar razões que orientem a decisão do auditório sobre o que convém fazer ou evitar, para que aquilo que se busca alcançar seja útil, justo e conveniente. Nessa perspectiva, enquanto o epidítico louva ou censura o presente e o judiciário julga o passado, o deliberativo projeta-se em direção ao que ainda não existe, traduzido em um campo de possibilidades cuja materialização depende da adesão coletiva. O discurso deliberativo é, portanto, o espaço da **decisão racionalmente orientada**, ainda que emocionalmente motivada, pois deliberar é, ao mesmo tempo, pensar e mover-se em direção a uma ação.

Nos contextos midiáticos da contemporaneidade, esse gênero sofre uma inflexão importante. A arena pública é complementada por **cenar de deliberação mediada**, em que a construção de plausibilidade deve ocorrer sob intensa compressão de tempo e sob o escrutínio simultâneo de múltiplos auditórios. Essa dinâmica exige do orador a capacidade de condensar razões e ativar valores em poucos gestos discursivos e performáticos, de modo a transformar a plausibilidade em vontade de agir. O campo da deliberação, portanto, mantém-se nos espaços institucionais tradicionais, no entanto é tensionado pelas transformações contemporâneas, em que as telas, redes e discursos instantâneos introduzem novas formas de visibilidade e aceleram o entrelaçamento entre emoção e razão no exercício público do gênero deliberativo.

É nesse ponto que a *Nova Retórica*, de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014), oferece um enquadramento conceitual decisivo. A persuasão, sob essa perspectiva teórica, não se funda na necessidade lógica, mas na **adesão construída no domínio do verossímil, no qual o raciocínio retórico não demonstra, mas torna aceitável**. Para isso, a ancoragem se dá em valores e experiências compartilhadas que servem de mediadores entre o orador e o auditório. Essa racionalidade prática, fundada na razoabilidade e não na verdade apodítica, retoma a distinção aristotélica entre *episteme* e *doxa*: a Lógica objetiva chegar a uma verdade necessária, enquanto “a Retórica objetiva o verossímil, a melhor verdade entre as verdades possíveis” (Magri, 2023, p. 96).

Entretanto, de acordo com Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014), a adesão não se completa pela coerência do raciocínio, mas pela capacidade de fazer existir, no discurso, aquilo que se quer provar. É o que denominam presença. A presença confere força argumentativa porque faz o auditório ver e sentir o valor em jogo antes mesmo de concluí-lo intelectualmente, por meio do *logos*. Ela não é ornamento, mas condição de eficácia, uma vez que o argumento se torna persuasivo quando deixa de ser apenas compreendido

e passa a ser vivido. Em outras palavras, a presença é o dispositivo que permite ao orador criar, no instante do discurso, a realidade daquilo que propõe.

No discurso político contemporâneo, essa presença é amplificada ao ser emoldurada pela cenografia midiática: as imagens, os recursos tecnológicos, o enquadramento e o *kairós* tornam-se parte integrante das provas retóricas – *ethos*, *pathos* e *logos*. Se por um lado, o orador persuade ao produzir efeitos de realidade que corporificam sua proposta de futuro, por outro, reatualiza a função clássica de conduzir o auditório à ação, por perceber que a persuasão, nas ágoras digitais, é mais efetiva quando simultaneamente racional, emocional e performativa. Se na Retórica Clássica, a *actio* compreendia o corpo, a voz e o gesto, no momento da execução do discurso, agora, ela se expande para o espaço da imagem e da circulação, atravessado por um arcabouço discursivo anterior e acessível que antecede a performance e condiciona a leitura do *ethos*. Portanto, o orador passa a persuadir, também, pela articulação do enquadramento, da imagem discursiva e dos efeitos de presença que transformam o verossímil em convicção vivida.

Provas retóricas e suas articulações no discurso deliberativo

A Retórica Clássica estabelece que a persuasão é alcançada pela articulação de três dimensões fundamentais: *ethos*, *pathos* e *logos*. Elas representam, respectivamente, a credibilidade do orador, as emoções pré-existentes e as suscitadas no auditório e a estrutura racional do discurso. Embora distintas, essas dimensões não atuam isoladamente: a razão convence, a emoção mobiliza e a credibilidade sustenta a confiança necessária para que a adesão ocorra, ainda que o orador possa, estrategicamente, enfatizar uma delas em detrimento das outras. Em conjunto, formam a base da persuasão e definem o modo como o discurso orienta a ação.

No mundo contemporâneo, essas provas operam sob novas condições. O *ethos* já não se constrói apenas no instante do ato retórico; ele é moldado por um conjunto anterior de discursos, imagens, comportamentos públicos e informações que antecedem a *actio*. O *pathos* perdura para além do contexto e do ato retórico, já que a emoção não é apenas provocada, mas continuamente alimentada pela circulação de imagens e comentários nas redes sociais e nas mídias digitais. O *logos*, por sua vez, continua a organizar o raciocínio, mas depende cada vez mais da legitimação de atos retóricos subsequentes pois, em

tempos de exposição constante, um argumento é tanto mais convincente quanto mais é percebido como coerente e sincero, e não apenas compreendido como tal.

Nesse sentido, Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014) reafirmam o preceito aristotélico que a persuasão se apoia na razoabilidade, ou seja, na construção da adesão em torno do que parece verossímil, por estar ancorado em um conjunto de valores partilhados pelo auditório. A argumentação retórica, portanto, não demonstra; ela torna aceitável as razões apresentadas por meio de raciocínios materializados como estratégias retóricas. É nesse domínio do verossímil que estão organizados os tipos de raciocínios descritos por Aristóteles e retomados pela Nova Retórica para a análise dos discursos: os que imitam a lógica formal; os que se apoiam em experiências do real e os que fundamentam a realidade.

No discurso de Pablo Marçal, essas técnicas argumentativas são frequentes e se encaixam em diferentes operações explicitadas por Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014). Duas delas são chamadas de argumentos quase-lógicos: a incompatibilidade aparente ou oposição simplificada estrutura o mundo em antíteses, como as dicotomias entre o bem e o mal ou o nós contra eles, que exigem rapidez decisória, a fim de evitar o avanço daquilo que representa um prejuízo futuro; e a *reciprocidade*, que apela ao senso de justiça e à moral comum, ao afirmar que o que vale para um deve valer para todos. Esses argumentos mimetizam a estrutura da lógica formal, como a simetria e a transitividade, com o intuito de conferir uma aparência de racionalidade irrefutável e apelar ao senso de justiça.

Há também argumentos baseados na estrutura do real por se apoiarem na percepção do auditório sobre como o mundo funciona, estabelecendo um vínculo causal entre um ato e sua consequência moral ou pragmática. O vínculo causal permite argumentar em três direções: ao relacionar dois acontecimentos sucessivos; ao tentar descobrir a existência de uma causa para um dado acontecimento; e ao evidenciar o efeito de um dado acontecimento (Perelman e Olbrechts-Tyteca 2014).

Entre os argumentos que fundamentam a estrutura do real, o candidato investe na analogia e no argumento do modelo perfeito. A analogia transfere a adesão de um domínio conhecido e aceito para um domínio complexo, onde se almeja a adesão: por exemplo, do **domínio da religião** para o **domínio da política**. Diferentemente da comparação, a analogia estabelece uma nova relação de valor, pois a transferência da **estrutura de valores de um domínio para o outro**, cria um **novo modo de ver e julgar o domínio de destino** (Perelman e Olbrechts-Tyteca 2014).

Já o argumento do ser perfeito consiste em apresentar um modelo ideal de conduta ou, em contrapartida, um **antimodelo**, com o objetivo de criar um parâmetro de imitação que oriente o julgamento do auditório sobre o que deve ser buscado ou evitado. A força desse tipo de argumento reside na relação que estabelece entre o modelo e o auditório, construída com base na seleção e aproximação das qualidades do modelo às circunstâncias do discurso. Essa operação resolve a tensão apontada por Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014), segundo a qual o modelo pode possuir aspectos negativos ou inatingíveis e o antimodelo, paradoxalmente, exibir traços dignos de imitação. Ao adaptar o modelo ao discurso e às expectativas e perfil do auditório, o orador transforma o ideal em parâmetro plausível de imitação.

Essas técnicas argumentativas pautadas no *logos* são mais eficazes quando articuladas às outras provas retóricas. A razão isolada não basta para mover o auditório porque o argumento precisa ser sustentado por uma base de credibilidade e de emoção compartilhada que gere identificação (Perelman e Olbrechts-Tyteca 2014). Nesse sentido, emoções como medo, esperança, indignação e confiança funcionam como motores que conduzem à adesão porque fazem o auditório sentir o que é razoável e ver como necessário o que antes era apenas provável. Nesse entrelaçamento, o discurso político faz convergir razão, emoção e credibilidade para orientar o agir coletivo em diferentes contextos retóricos.

Contexto e jogo cênico: estratégias cênico-retóricas

A análise retórica do discurso político depende da compreensão de seu contexto, que inclui o perfil do orador, a disposição do auditório, as condições de produção do discurso e o espaço em que ele ocorre. A entrevista de Pablo Marçal ao Roda Viva insere-se em um cenário político e midiático marcado por simbolismos e disputas erigidas em torno de aspectos pessoais, ideológicos e estruturais, que influenciam a eficácia das estratégias retóricas selecionadas pelo orador.

Pablo Marçal é empresário com atuação em diferentes setores da economia e presença marcante nas redes sociais, com mais de doze milhões de seguidores apenas no *Instagram*. Foi candidato à prefeitura de São Paulo nas eleições de 2024, apresentando-se como uma figura *outsider* que se propunha a promover a mudança que afirmava não ver possível nos candidatos do cenário político tradicional. Sem vínculos significativos

com partidos, destacou em suas campanhas a ausência de recursos do fundo eleitoral, de padrinhos políticos e de tempo de mídia convencional.

Sua entrevista integra uma série promovida entre agosto e setembro de 2024 pela TV Cultura, no programa Roda Viva, com os candidatos melhor colocados nas pesquisas³³. Transmitido na TV aberta e em plataformas digitais, o programa serviu como palanque político para que Marçal ampliasse sua visibilidade e consolidasse seu discurso. Às vésperas do primeiro turno, o candidato enfrentava a necessidade de mobilizar eleitores em um cenário competitivo, com adversários que dispunham de maior estrutura e tempo de exposição. A participação no programa, portanto, era uma oportunidade e um desafio estratégico para fortalecer sua imagem e expandir sua influência para além do auditório já formado nas redes sociais. Em novembro de 2024, sessenta dias após a exibição, a entrevista registrava mais de 5 milhões de visualizações no *Youtube*, número bastante superior à média de outras edições do programa.

O Roda Viva apresenta um formato singular no jornalismo brasileiro. A disposição circular do estúdio, com o entrevistado posicionado no centro, cria uma dinâmica visual e simbólica de vulnerabilidade. Os entrevistadores, distribuídos em círculo ao redor do convidado, produzem um efeito de pressão constante, intensificado pela possibilidade de questionamentos simultâneos que obrigam o entrevistado a mover-se sobre o próprio eixo em diferentes direções.

Do ponto de vista **proxêmico**, essa configuração espacial favorece os entrevistadores, que mantêm uma postura dominante, enquanto o convidado é submetido à sensação de exposição permanente. No caso de Pablo Marçal, essa disposição exigiu uma **performance comunicativa compensatória**, voltada a reverter a desvantagem simbólica, já que o uso do espaço era restrito e pré-determinado. A disposição cênica do programa, com seus elementos materiais e humanos, assemelha-se, assim, a uma **arena retórica**, na qual o orador precisa disputar a palavra e zelar pelo próprio controle da imagem.

Além da organização espacial, os **recursos audiovisuais** reforçam a carga emotiva e influenciam diretamente a percepção do auditório, como sugere o comentário

³³ <https://www.cnnbrasil.com.br/eleicoes/eleicao-em-sp-nunes-tem-24-marcal-23-e-boulos-21-aponta-pesquisa-quaest/> Acesso em: 04 nov. 2024.

de um internauta que comparou o programa a uma inquisição³⁴. A alternância das câmeras para enquadramentos em planos médios (figura 1), que evidenciam a linguagem corporal e captam reações faciais, revela a experiência emocional do entrevistado e dos entrevistadores. Durante quase todo o programa, Marçal permaneceu com as pernas cruzadas, postura que procura transmitir tranquilidade, no entanto, o plano médio, permite perceber na linguagem corporal sinais de tensão. O movimento dos braços e das mãos, os maneios de cabeça, esgares de olhar e inflexões faciais revelam a oscilação entre controle e desconforto e certa incontinência de emoções.



Figura 1 – Pablo Marçal em plano médio. Fonte: Roda Viva com Pablo Marçal (2024).

Em momentos de confronto direto, os planos em *plongée* (figura 2) diminuía simbolicamente o candidato, reforçando a assimetria entre o centro da arena e os entrevistadores dispostos em torno dele.



³⁴ @AKILESS.R.4679. Cara isso não é uma entrevista, é uma inquisição. [Comentário]. In: RODA VIVA COM PABLO MARÇAL. [S. l.]: TV Cultura, 2 set. 2024. 1 vídeo (1h 37m 36s). Publicado pelo canal Roda Viva. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gB9mCEaCPIc>. Acesso em: 3 nov. 2025.

Figura 2 – Pablo Marçal em plano *plongée*. Fonte: Roda Viva com Pablo Marçal (2024).

Ao passo que, os planos gerais (figura 3) restabelecem o equilíbrio cênico e evidenciam a tensão entre as partes, deixando perceptível a intenção da direção do programa de explorar o conflito como elemento de espetáculo. O uso desse enquadramento, além de imprimir aspectos dramáticos ao embate retórico, reforça que os pontos de vista expressos na pergunta e na resposta partem de posições opostas.



Figura 3 – Pablo Marçal em plano geral. Fonte: Roda Viva com Pablo Marçal (2024).

Do ponto de vista da *knésica*, Marçal explorou gestos e expressões faciais para transmitir emoções e reforçar seus argumentos, com postura corporal confiante e contato visual direto para afirmar autoridade. Em diversos momentos, recorreu a movimentos amplos de mãos e braços para amplificar os argumentos, por meio da ênfase visual. Essa estratégia combina elementos gestuais e argumentativos que, além de aumentar o impacto das afirmações, torna visível as emoções que as sustentam: uma combinação de **autoconfiança, indignação e entusiasmo combativo**.

O candidato não se limita, contudo, a expressar sentimentos pessoais. Seu objetivo é **fazer o auditório compartilhar as mesmas emoções: a confiança** para legitimar sua autoridade e inspirar adesão; a indignação como impulso moral que convida o auditório a repudiar as falhas que ele atribui à política tradicional; e o entusiasmo combativo como energia contagiante capaz de transformar a identificação afetiva em gatilho que leva o auditório a se reconhecer no discurso (Figueiredo, 2020). Uma vez acionado esse gatilho,

seguem-se os estágios de despertar da paixão e de mudança de julgamento, que culminam na ação (Aristóteles, 2005).

O *pathos*, portanto, leva o auditório a agir conforme os objetivos do orador, cuja intenção é converter a identificação afetiva em decisão política. Este processo, no qual sentir e agir se fundem em um mesmo movimento retórico, é característico da persuasão no gênero deliberativo. Os comentários do auditório no YouTube deixam perceber a trajetória das paixões de duas maneiras: ao afirmarem que os entrevistadores não demonstram estabilidade emocional³⁵; e ao verbalizarem as próprias reações em relação ao candidato³⁶. As manifestações, ainda que majoritariamente favoráveis, incluem indignação e desprezo direcionados ao candidato, sobretudo entre aqueles que perceberam as artimanhas retóricas utilizadas.

A construção visual e moral do *ethos* na arena deliberativa

De acordo com Charaudeau (2013, p. 120), “o político procura construir para si o *ethos* de sério, de virtuoso e de competente.”. Na retórica deliberativa, no entanto, a construção do *ethos* não se limita apenas à projeção de virtudes morais, constitui-se como ponto de partida e ancoragem para o aconselhamento e para a adesão prática do auditório. O orador político busca, por meio de sua imagem, legitimar-se como aquele que detém a autoridade para propor o que deve ser feito. Para isso, Pablo Marçal utilizou estratégias visuais planejadas para transmitir uma imagem que reforçasse sua credibilidade e moralidade como candidato. A escolha por um visual casual, embora alinhado a padrões de cuidado estético, transmite uma dualidade que busca equilibrar proximidade com o

³⁵ @BIAALENCAR4598. Impressionante o quanto esses jornalistas levam pro pessoal, se desorganizam emocionalmente e fortalecem esse candidato. [Comentário]. In: RODA VIVA COM PABLO MARÇAL. [S. l.]: TV Cultura, 2 set. 2024. 1 vídeo (1h 37m 36s). Publicado pelo canal Roda Viva. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gB9mCEaCPIc>. Acesso em: 3 nov. 2025.

³⁶ @DIVERSAONALINHADOTEMPO6819. Parabéns Marçal. Que Deus te dê força, foco e aumente a sua fé. O povo está com você!! Essa emissora só terá a minha audiência quando você estiver presente! [Comentário]. In: RODA VIVA COM PABLO MARÇAL. [S. l.]: TV Cultura, 2 set. 2024. 1 vídeo (1h 37m 36s). Publicado pelo canal Roda Viva. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gB9mCEaCPIc>. Acesso em: 3 nov. 2025.

2025. @FILIPETHALES4542. Pablo Marçal... O maior orador da história de São Paulo, consegue levar todos lunáticos no seu papo furado e sem proposta alguma para o governo. Brasil!!!!. [Comentário]. In: RODA VIVA COM PABLO MARÇAL. [S. l.]: TV Cultura, 2 set. 2024. 1 vídeo (1h 37m 36s). Publicado pelo canal Roda Viva. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gB9mCEaCPIc>. Acesso em: 3 nov. 2025.

eleitor e seriedade necessária ao ambiente político, que exige um líder acessível e preparado para lidar com desafios complexos.

A construção visual do *ethos* de Marçal também se vincula a estratégias de emulação, nas quais ele alinha sua imagem à de líderes políticos de destaque no cenário internacional. Sua aproximação visual e moral a Nayib Bukele, presidente de El Salvador, evidencia uma tentativa de associar-se a uma figura reconhecida, em determinados espectros políticos, por sua liderança moderna e pragmática. É possível confirmar a eficiência dessa estratégia na primeira charge³⁷ (figura 4) exibida durante o programa que traz uma representação de Marçal muito próxima ao visual de Bukele.



Figura 4 - Charge exibida no Roda Viva (2024).

Essa identificação imagética cumpre função deliberativa, pois, ao se associar a figuras reconhecidas por liderança e eficácia, o orador reforça a ideia de que também é capaz de agir. A aparência de competência converte-se, assim, em argumento sobre o que é conveniente e útil à coletividade. Ademais, o uso de movimentos calculados para enfatizar pontos de seu discurso foi uma estratégia relevante para a consolidação do *ethos*, pois criou a percepção de clareza e assertividade. A sincronização dos gestos com a fala, especialmente em momentos de maior tensão, contribuiu para sustentar a narrativa de controle emocional e de segurança, mesmo quando confrontado por perguntas incisivas.

O mesmo cuidado na construção da imagem foi utilizado no exórdio, parte inicial do discurso, para cativar o auditório, potencial eleitor. Exortou a infância, na qual incluiu memórias sobre Ayrton Senna, com o objetivo de a memória coletiva positiva promover

³⁷ Charge exibida no programa RODA VIVA COM PABLO MARÇAL. [S. l.]: TV Cultura, 2 set. 2024. 1 vídeo (1h 37m). Publicado pelo canal Roda Viva. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gB9mCEaCPIc>. Acesso em: 3 nov. 2025.

a conexão com o auditório. Invocar uma memória afetiva, associada a valores como determinação, sucesso e patriotismo, revela-se como recurso retórico eficaz para mobilizar valores e orientar o julgamento do auditório sobre o que é desejável para o futuro político.

O discurso inicial, no entanto, não se limita à evocação de memórias e valores positivos. Ao afirmar que a entrevista poderia se transformar “em uma das melhores ou um pesadelo”, caso não houvesse “nobreza” nas perguntas, Marçal sutilmente posiciona-se em uma postura de alerta e insinua que sua performance e a dinâmica da entrevista dependeriam também da conduta dos entrevistadores. Esse posicionamento retórico tem uma dupla função: criar expectativa no auditório sobre o que estaria por vir e, ao mesmo tempo, sugerir que possíveis conflitos não seriam iniciados por ele, mas poderiam ser resultado da atitude dos entrevistadores.

A escolha de um tom moderado e de elementos emocionais bem dosados no exórdio demonstram a intenção de construir uma imagem de equilíbrio e serenidade. Essa introdução, projeta o *ethos* de alguém que valoriza o espaço concedido, reconhece a importância do auditório e está preparado para enfrentar os desafios do debate. Ao integrar referências pessoais, culturais e éticas, ele posiciona-se como uma figura que reúne virtude, competência e sinceridade, elementos essenciais para conquistar a confiança do auditório logo no início de sua participação.

Ademais, a construção do *ethos* revela uma articulação sofisticada do *pathos*: a exploração simultânea de paixões voltadas a dois auditórios distintos: o interno, composto pelos entrevistadores, e o externo, formado pelos espectadores e internautas. Em relação ao primeiro, há momentos em o entrevistado parece **assumir o controle do programa**, invertendo a lógica habitual da entrevista. Marçal tangencia perguntas e redireciona os temas conforme seus propósitos, transformando o espaço de inquirição em palanque de campanha. Em diversas ocasiões, aproveita a visibilidade do programa para mencionar o número de sua candidatura e pedir votos de modo direto, desestabilizando o contrato comunicativo típico do gênero jornalístico.

Esse comportamento pode ser compreendido como uma *actio perversa*³⁸, que é uma forma de ação retórica que produz paixões contundentes, conforme conceito

³⁸ Conceito apresentado pelo Prof. Dr. Luiz Antonio Ferreira em aula da disciplina [A percepção de si no discurso; razão, paixão e ação nos discursos sociais.], ministrada no Programa de Estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa da PUC-SP, no segundo semestre de 2024.

apresentado por Luiz Antonio Ferreira. Uma vez despertadas, essas paixões são o **fiel da balança** no processo persuasivo (Figueiredo 2020), pois deslocam o centro de gravidade da razão para a emoção. A apresentadora, envolvida nessa artimanha retórica, combate pelo domínio da condução do programa e é tomada por paixões disfóricas, como indignação, irritação e desprezo, perceptíveis no tom de voz, nos gestos e nas expressões faciais. Essas reações **contribuem para a teatralização do ato retórico** e instauração do **efeito de presença**: aquilo que é visto e sentido – a falta de habilidade e competência para lidar com o entrevistado - passa a prevalecer sobre o que é dito – o candidato não segue as regras e preocupa-se apenas em fazer cortes³⁹.

Ao provocar essa inversão, com foco no auditório externo, Marçal transforma a arena de entrevista em espaço de deliberação pública e propõe um curso de ação: **votar nele como alternativa legítima e virtuosa ao sistema político vigente**. O domínio do espaço cênico desfavorável, do embate discursivo e do equilíbrio emocional reafirmam o **ethos de força, e autossuficiência, que** legitima o propósito político. Ao passo que, o desconforto dos entrevistadores serve como prova indireta da autoridade e competência argumentativa, pois quanto mais eles se desestabilizavam, mais o orador parecia firme aos olhos do auditório. O movimento das paixões conduzido por Marçal para consolidar seu *ethos* ergue-se, assim, como instrumento de deliberação, pois serve à consolidação do vínculo com o auditório e à produção de identificação. Ao apresentar-se como figura em desvantagem e alvo de ataques, ele ativa o sentimento de injustiça e cria uma narrativa de reconhecimento mútuo com eleitores insatisfeitos com as estruturas tradicionais vigentes, que passam a percebê-lo como representante legítimo e confiável de suas frustrações e esperanças. Essa operação retórica transforma a empatia em adesão prática, que conduz o auditório a agir segundo o que lhe parece útil e justo. A emoção, nesse caso, não é mero resíduo afetivo, mas instrumento de ação política.

O logos e sua interdependência patética no gênero deliberativo

A estratégia retórica do orador em relação ao *logos*, consiste em evidenciá-lo *por meio da mobilização de emoções* que tornam os argumentos plausíveis e capazes de

³⁹ Cortes nas redes sociais são vídeos curtos e editados que extraem trechos de conteúdos mais longos, como entrevistas, podcasts ou transmissões ao vivo. Eles são criados para destacar os melhores momentos e se tornaram uma estratégia popular para alcançar um público mais amplo e viralizar conteúdo. Elaborado pela autora.

sustentar a aparência de coerência e verdade. Em conformidade com o que defendem Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014), sobre a força da argumentação não residir apenas na coerência formal, mas na interpretação dos dados da realidade e na presença que se dá aos valores partilhados, Marçal procura instaurar a **presença do verossímil**, ao articular emoção e razão em um mesmo gesto persuasivo. Para isso, transforma o *pathos* em energia de adesão e o *logos* em expressão racionalizada da emoção, de modo que sentir e escolher aquilo que parece mais útil para o futuro refletem um único movimento de adesão. É sob essa perspectiva que se pode examinar a arquitetura argumentativa do seu discurso, elaborado com diferentes tipos de argumentos que produzem impressão de verdade, utilidade e justiça, elementos centrais do gênero deliberativo.

Entre as estratégias retóricas mais frequentes no discurso de Marçal estão os **argumentos quase-lógicos**, que imitam a forma do raciocínio formal para conferir aparência de irrefutabilidade às proposições. Quando o orador afirma: *“eu quero pedir para todo o povo de Deus entender que eu não subi em nenhum púlpito de nenhuma igreja para pedir voto de ninguém”*, ele utiliza um argumento de **contradição e incompatibilidade aparente**, destinado a negar a acusação de instrumentalização da fé. Essa estrutura cria uma lógica de exclusão: se não houve pedido explícito de voto no espaço religioso, não há transgressão. O raciocínio, embora simplificado, reforça a imagem de coerência ética e transparência, componentes centrais do *ethos*, que busca inspirar confiança no eleitor.

Destaca-se, ainda a **oposição simplificada** em torno da dicotomia entre o bem e o mal. Ao afirmar: *“Nós precisamos combater essa praga de comunismo”*, o orador transforma a divergência ideológica em mal a ser evitado. O comunismo, representado como a **“praga”**, ameaça o corpo social e espiritual da nação, o que produz uma sensação de urgência e perigo. O raciocínio e a emoção operam em simbiose: o **medo** do inimigo é *pathos* que reforça a necessidade e urgência de decisão; e a **esperança** legitima o curso de ação. No plano da elocução, a articulação de vocabulário bélico (*combater*) e religioso (*praga*) eleva o embate à dimensão simbólica da luta do bem contra o mal. Com isso, o orador se coloca como aquele que, apoiado por todos os cristãos, é capaz de conduzir a resistência moral e política, transformando o ato de votar em um gesto de salvação coletiva.

Outro uso recorrente dos argumentos quase-lógicos aparece nas tentativas de **reversão de responsabilidade** com argumentos de **reciprocidade**, como quando o

candidato declara: *“Eu não tô misturando religião. Quem trouxe esse assunto foram vocês.”* Aqui, a força do raciocínio está em inverter a acusação e retomar o controle. Essa operação quase-lógica produz uma aparência de neutralidade racional, ao mesmo tempo em que desestabiliza o interlocutor. O mesmo ocorre quando ele reivindica o direito ao respeito à própria fé: *“se alguém fala que vai num terreiro fazer um despacho, ninguém tira sarro; só tira sarro de quem é crente.”* Esse paralelo funciona como argumento de reciprocidade, pois o que vale para uma religião deve valer para todas. Procura, com isso, erigir identificação e emular no auditório, sobretudo evangélico, a sua própria **indignação**, pois sugere sofrer discriminação religiosa e ridicularização pública como todo “crente”.

Apela novamente à justiça da reciprocidade para fomentar o desprezo pelos que se valem de vantagens tradicionais de campanhas políticas e para reafirmar seu *ethos* de outsider: “eu não tenho fundão eleitoral; eu não tenho padrinho político; eu não tenho tempo de televisão; eu não tenho tempo de rádio; eu só tenho minhas redes sociais.” Ao enumerar as desvantagens com paralelismos e marcar cada negação com os dedos, Marçal criou um efeito visual que, além de organizar o discurso, amplificou o argumento. A amplificação, recurso retórico utilizado para enfatizar o argumento e fixá-lo na memória do auditório (Tringali, 2014), evidenciou também uma relação entre quantidade e qualidade: a ausência dos recursos políticos, geralmente considerados excessivos pela opinião pública (âmbito da quantidade), resulta na incorporação de valores que dialogam bem com o eleitorado, pois quem nada tem, mas permanece em cena, é digno de crédito (âmbito da qualidade). Portanto, o orador transforma a desigualdade política em prova moral e provoca o ressentimento do auditório contra os adversários políticos.

Quando Marçal declara: *“Eu vivo isso; eu sou um cristão”* e *“Nunca tirei proveito disso; só para ajudar as pessoas”*, ele constrói uma lógica de coerência entre **ser e agir**, típica dos raciocínios empíricos **baseados na estrutura do real**. Esses raciocínios organizam-se em torno da experiência e da causalidade moral, que sustentam o verossímil, porque as ações passadas são apresentadas como prova concreta da integridade do orador. Nessa estratégia, o argumento é impulsionado pelo *pathos* de **confiança**, evocado pelo exemplo e coerência moral que induz o eleitor a confiar porque o orador vive o que diz. Outras estratégias que alicerçam esse tipo de argumento são os apelos aos valores partilhados pela comunidade e à causalidade pragmática: *“Eu peço o socorro de todos os cristãos dessa cidade, do estado de São Paulo e do Brasil.”* Aqui, o

raciocínio ressalta o efeito possível em decorrência da união dos cristãos, a salvação moral e política. Trata-se de uma lógica prática e prospectiva, voltada ao futuro, marca essencial do gênero deliberativo. O *pathos* entrelaçado aos argumentos, portanto, é a confiança e a esperança na força da coletividade para mudar o futuro.

Entre os argumentos que **fundamentam a estrutura do real**, o exemplo mais evidente é o trecho: “*Jesus não dividiu o pão, ele multiplicou, e o comunismo é dividir aquilo que a gente tem para idiotizar as pessoas.*” O orador constrói uma analogia **que apresenta um modo de ver e julgar o comunismo, que apresenta como divisão, escassez e manipulação, tendo como parâmetro Jesus que representa multiplicação e generosidade.** A eficácia dessa analogia reside em sua simplicidade afetiva: não é um raciocínio formal, mas uma evocação religiosa, em que fé e sentimento de opressão se fundem em prol de um julgamento de valor. O discurso deliberativo se realiza plenamente nessa operação, pois não demonstra, **propõe um juízo de conveniência e justiça**, convertendo emoção em critério para decisão.

Ainda nesse grupo, encontra-se a analogia entre o orador e sua missão política com a figura de Jesus e seus feitos: “*Jesus falou o seguinte: vocês farão obras maiores.*” Ao apropriar-se da voz de autoridade suprema da tradição cristã, o orador legitima seu objetivo político diante da comunidade de fé, ao mesmo tempo em que se coloca como o enviado compelido à ação. A analogia, neste caso, está revestida de **autoridade transcendental**, que fundamenta a estrutura do real ao deslocar o discurso religioso para o campo político. O efeito deliberativo é direto: quem o apoia, não apenas vota, passa a fazer parte de uma missão justa e moralmente elevada. Nesse argumento, o *pathos* predominante é o fervor messiânico e o senso de responsabilidade, emoções que produzem a sensação de pertencimento a algo maior do que a escolha individual por um candidato.

Destaca-se, ademais, o uso do argumento do ser perfeito como modelo, representado por **Jesus**, cuja imagem o orador procura aproximar de si ao apresentar-se como defensor e representante dos valores que Ele encarna. De acordo Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014), aqueles que fazem uso dessa forma de argumentação adaptam o modelo às conclusões que desejam promover no auditório. O orador consegue selecionar e destacar ações e qualidades do modelo para colocá-las à imitação dos homens, de maneira relativamente simples, porque Jesus é o ser perfeito, “por sua própria qualidade e por essência” e, por isso, “ele não vale somente para um tempo e um lugar”

(Perelman e Olbrechts-Tyteca 2014, p. 423). Logo, ao apropriar-se desse modelo, Marçal amplia sua autoridade moral e desloca o debate político para o campo do sagrado atemporal, em que optar por sua eleição converte-se em ato moralmente e religiosamente justificado.

Ao longo de todo o discurso, o *pathos* está articulado de modo específico em cada tipo de argumento, mas sempre como força propulsora do *logos*. Nos quase-lógicos, manifesta-se como medo, **indignação e senso de justiça**, emoções que dão vigor moral à argumentação e sustentam a aparência de coerência racional. Quando a estratégia é fundamentar a estrutura do real, assume a forma de **fervor e esperança redentora**, que elevam o raciocínio à dimensão do sagrado e legitimam a missão como uma responsabilidade moral elevada. Já nos baseados na estrutura do real, o *pathos* se expressa como **confiança e urgência coletiva**, mobilizando o sentimento de pertencimento e a necessidade de ação. Em todos os casos, no lugar de se opor à razão, o *pathos atua dentro dela para converter* o raciocínio em experiência sensível.

Dessa forma, as emoções são como energia afetiva que reveste a estrutura dos raciocínios, dando corpo e movimento à sua candidatura como opção para quem age **conforme a fé e o bem comum**. Agir com fé, no entanto, implica um salto simbólico, no qual a crença substitui a prova e o sentimento sustenta a decisão, ou seja, atinge-se um ponto de inflexão em que a emoção provoca a decisão e não apenas a influencia, convertendo crença em ação. As escolhas retóricas de Marçal conduzem o auditório eleitor até este ponto porque priorizam o efeito de presença (Perelman e Olbrechts-Tyteca 2014) em detrimento da racionalização. Em resumo, o orador concentra-se em fazer o auditório ver e sentir os valores em jogo, a fim de consolidar-se como resposta ao que é percebido e desejado como útil, justo e necessário para o futuro coletivo.

Transformações e contribuições das ágoras digitais.

O fato de o *Roda Viva* ser transmitido e arquivado nas plataformas digitais permite observar um fenômeno característico da contemporaneidade: a **verificabilidade imediata da eficácia retórica**. O auditório não é limitado pelo tempo e espaço da exibição televisiva e passa a ser composto por um auditório digital, que reage, comenta, replica e mantém o discurso em circulação contínua por mais tempo. O que, até bem pouco tempo, só poderia ser medido pela adesão prática e, neste caso, pelo resultado eleitoral ou de

pesquisas de intenção de voto, hoje é perceptível em interações, curtidas, compartilhamentos e discursos derivados em diferentes redes sociais e espaços digitais.

De acordo com Mendonça e Amaral (2016), embora espaços digitais como comentários de notícias e de vídeos do Youtube não tenham sido, a princípio, desenhados para a deliberação, eles acabam se tornando uma *ágora* digital não intencional. Os teóricos acrescentam que essas arenas são como espaços selvagens, ou seja, ambientes não institucionais onde a deliberação política ocorre, ainda que não tenham sido projetados para isso. Nesses espaços, a racionalidade deliberativa deve ser compreendida de forma mais ampla, como o provimento público de justificativas em defesa de posições. É precisamente essa troca de justificativas, mesmo que passionais, que legitima a análise dos comentários como um ato deliberativo válido.

Nessas novas *ágoras*, o ato deliberativo sofre transformações significativas. É possível perscrutar e acompanhar em tempo real como o auditório reage ao discurso. O orador perceber o grau de adesão e mudar as estratégias e o curso de ação durante o ato retórico. A **visibilidade ampliada** torna cada manifestação pública potencialmente viral, deslocando o foco da argumentação racional para a **performance afetiva** capaz de gerar engajamento. A **difusão em rede** rompe a linearidade do debate, uma vez que os discursos se multiplicam, são recontextualizados e reinterpretados por diferentes auditórios, criando um campo de deliberação fragmentado e cumulativo.

Ademais, a **permanência dos registros** confere nova dimensão temporal retórica, pois o discurso não se esgota no instante da *actio*, já que pode ser retomado, remixado e reavaliado indefinidamente. O *kairós* deixa, assim, de ser o momento oportuno singular para tornar-se um **kairós difuso e reprodutível**, em que cada compartilhamento e interação cria uma nova ocasião de persuasão. Essa reconfiguração temporal e espacial do discurso modifica o próprio sentido de eficácia deliberativa: mais do que convencer racionalmente, trata-se de **permanecer visível e afetivamente relevante e harmônico**. Nessa dinâmica, o *pathos* ganha papel estruturante, e a **ressignificação contínua do discurso** nas interações digitais reforça a ideia de que a adesão política contemporânea se constrói pela intensidade com que os argumentos são sentidos, repetidos e mantidos em circulação.

A possibilidade de reprodução pela TV aberta, com a transmissão concomitante ou alocação subsequente em espaços digitais também é estratégica para a deliberação política. A cena televisiva fornece matéria-prima capaz de reencenar, em formato breve

e midiático, as razões e paixões-chave do discurso. O *pathos* cumpre, nesse contexto, a dupla função de sustentar a impressão de autenticidade e amplificar a mensagem na circulação posterior, convertendo momentos de choque e de sucesso retórico em índices de competência. Desse modo, o discurso permanece para além do tempo do programa e a recepção é reordenada, pois o que foi visto em estúdio é reformatado para adesão rápida no *feed*, com ganhos na consolidação do *ethos* e na expansão do auditório nas plataformas digitais.

Observa-se, nos comentários do YouTube, que a recepção do discurso de Marçal é, em maior escala, marcada por **emoções de admiração, confiança e exaltação moral. Essas manifestações de “sintonia afetiva” revelam uma conexão emocional coletiva promovida pelo interesse em alinhar-se simbolicamente com o *pathos* do orador.** A sintonia afetiva é reforçada, ainda, por uma oposição entre auditório e entrevistadores, verbalizada em reações que destacam a coragem⁴⁰, o controle emocional e a combatividade⁴¹ do orador. O destaque dessas virtudes resulta do processo contencioso da entrevista que, ao revelar emoções disfóricas dos entrevistadores, influenciou a opinião pública de forma favorável ao candidato⁴². Esse fenômeno ocorre porque “o discurso público *on-line* se baseia mais no compartilhamento de critérios emocionais do que em uma linha deliberativa racional” (Martínez Torralba et al., 2023, p. 188) que opte por avaliar o *logos*, ainda que ele encerre robusta apresentação de razões em contexto. O *pathos* transforma-se, assim, em **“cimento social”** que instaura uma “identidade de reforço” (Martínez Torralba et al., 2023, p. 182), entre orador e auditório, continuamente retroalimentada pelas interações.

Em síntese, as interações permitem inferir que a performance de Marçal ultrapassou o limite da cena televisiva e prolongou-se no ambiente digital, sustentada pelo **efeito de presença e continuidade** capaz de engendrar um sentimento de pertencimento

⁴⁰ @ELAINEFERREIRABOMFIMOLIVEI4263. Parabéns, Marçal, não assisto *Roda Viva*, mas você me fez assistir e mostrar o quanto é corajoso e enfrentou esses jornalistas militantes, parabéns. [Comentário]. In: **RODA VIVA COM PABLO MARÇAL**. [S. l.]: TV Cultura, 2 set. 2024. 1 vídeo (1h 37m 36s). Publicado pelo canal Roda Viva. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XXXX>.

⁴¹ @DINASANTOS4023. É o universo respondendo as orações! Até que enfim alguém enchendo corações de esperança duma só vez. Parabéns, novo Prefeito de São Paulo. [Comentário]. In: **RODA VIVA COM PABLO MARÇAL**. [S. l.]: TV Cultura, 2 set. 2024. 1 vídeo (1h 37m 36s). Publicado pelo canal Roda Viva. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XXXX>

⁴² @THESANTOS123. Que final, que final, senhoras e senhores. Foi maravilhoso, foi épico. Tomaram pancada até chorar. [Comentário]. In: **RODA VIVA COM PABLO MARÇAL**. [S. l.]: TV Cultura, 2 set. 2024. 1 vídeo (1h 37m 36s). Publicado pelo canal Roda Viva. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XXXX>

e identificação coletiva. Nessa nova configuração da deliberação, a persuasão não decorre apenas da força dos argumentos, mas da intensidade com que são sentidos, compartilhados e reiterados. A adesão política contemporânea se constrói, portanto, em um **espaço híbrido entre a razão e a emoção**, no qual visibilidade, circulação e ressonância afetiva substituem a demonstração racional como medida da eficácia deliberativa. Desse modo, as ágoras digitais reconfiguram o gênero deliberativo em três dimensões: o *logos* é vivenciado, o *pathos* é mensurável, e o vínculo entre ambos consolida o *ethos* e torna-se uma nova forma de ação retórica na era da conectividade permanente.

Considerações finais

Os resultados desta análise indicam que a participação de Pablo Marçal no *Roda Viva* atualiza o gênero deliberativo quando executado em contexto midiático. Embora enquadrada formalmente como entrevista jornalística, o discurso e a *actio* de Pablo Marçal romperam com as características tradicionais desse gênero, por consubstanciar-se como um ato retórico de aconselhamento político. Com o objetivo de persuadir o auditório de que determinadas condutas associadas à fé, à moralidade e à ruptura com o sistema político tradicional são úteis e necessárias para o bem comum, o orador disputou a condução do programa para falar diretamente aos possíveis eleitores. Selecionou, assim, como seu auditório os telespectadores e internautas do programa, relegando os entrevistadores como trampolim para a materialização de suas estratégias retóricas.

O formato de arena do programa, somado aos recursos proxêmicos e knésicos utilizados pelo orador e à linguagem audiovisual, favoreceu o desenvolvimento de estratégias patéticas de persuasão que potencializaram os efeitos pretendidos com a articulação do *ethos* e do *logos*. O *ethos* de *outsider* cristão e preparado ancorou a credibilidade e imprimiu coerência aos argumentos apresentados. Já o *logos*, alocado no campo religioso, permitiu expor contradições, apelar à justiça da reciprocidade, opor o bem ao mal, evidenciar a coerência entre ser e agir e apresentar a autoridade e modelo do ser perfeito, representado por Jesus, como parâmetro de atuação e do valor messiânico da sua missão. Ademais, o enquadramento da disputa política em argumentos de oposição e em analogias de teor valorativo permitiu transferir o dissenso e fazer a transposição simbólica da discussão técnica para a esfera religiosa. O *pathos*, alçado à categoria de

motor propulsor para persuasão, alicerçou a credibilidade do orador e converteu o *logos* em experiência vivida, servindo de energia de adesão para a ação. Essa articulação estratégica das provas retóricas foi possível por meio do efeito de presença, que consiste em fazer o auditório ver e sentir o conteúdo do *logos*, antes mesmo de concluir o raciocínio, o que torna emoções os critérios para decisão.

A análise do *corpus*, do ponto de vista teórico, evidencia a atualidade da Nova Retórica: a eficácia do discurso político depende da capacidade de fazer existir no discurso os valores que se pretende partilhar, de modo que o auditório experimente a plausibilidade como verdade prática. Do ponto de vista da prática, confirma que o gênero deliberativo permanece como forma privilegiada de orientar a ação coletiva, mesmo quando deslocado para arenas midiáticas contemporâneas. Sua eficácia nesses meios, no entanto, depende menos do *logos* e mais da capacidade de fazer o verossímil ganhar corpo, por meio de estratégias patéticas que o torne sensível, crível, desejável e urgente em relação ao que se a aconselha fazer.

Nesse cenário, a carroça é barulhenta e seguiu vazia, não por falta de conteúdo ou de plano e políticas de governo, mas porque o orador escolheu manter o barulho produzido pelo *pathos* como estratégia-chave no curso da ação retórica. “Proposta quem quiser, vai lá no site do TRE.”, afirmou o orador mais de uma vez, revelando que a oportunidade de produzir cortes e adesão passional eram mais relevantes para seus propósitos do que a apresentação de argumentos racionais.

Referências

ARISTÓTELES. **Retórica**. 2. ed. Tradução de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005. (Biblioteca de autores clássicos).

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso político**. Tradução de Fabiana Komesu e Dilson Ferreira da Cruz. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

FIGUEIREDO, Maria Flávia. Ampliação e aplicabilidade analítica da “Trajetória das Paixões” In: FIGUEIREDO, M. F.; GOMES, A. M.; FERRAZ, L.(org) **Trajetória das Paixões** – uma retórica da alma. Franca: Unifran, 2020, p. 29-55.

MARIANO, Magri. **Discurso político e Retórica**: atemporalidade e passionalidade. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, 2023. 141 f. Disponível em: <https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/39707>. Acesso em: 05 nov. 2025.

MARTÍNEZ TORRALBA, Ángela; GUEVARA, Juan Antonio; CÓRDOBA-HERNÁNDEZ, Ana María; ROBLES-MORALES, José Manuel. Harmonia afetiva entre políticos e usuários da rede: a greve nacional na Colômbia, 2021. **Tempo Social**, v. 35, n. 1, p. 163-190, jan./abr. 2023. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/203988> Acesso em: 10 nov. 2025.

MENDONÇA, Ricardo Fabrino; AMARAL, Ernesto F. L. Racionalidade online: provimento de razões em discussões virtuais. **Opinião Pública**, Campinas, v. 22, n. 2, p. 418-445, ago. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/op/a/CWvHXhkkLfWDRnFHsrg3fWG/?lang=pt> Acesso em: 10 nov. 2025.

PERELMAN, Chäim; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da argumentação: a nova retórica**. 3. ed. Tradução de Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

RODA VIVA COM PABLO MARÇAL. [S. l.]: TV Cultura, 2 set. 2024. 1 vídeo (1h 37m 36s). Publicado pelo canal Roda Viva. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gB9mCEaCPlc>. Acesso em: 3 nov. 2025.

TRINGALI, Dante. **A retórica antiga e outras retóricas: a retórica como crítica literária**. São Paulo: Musa, 2014.